

«ESCOLA NORMAL MARIA AUXILIADORA»: PATRIMÔNIO MORAL E INTELLECTUAL DE MINAS GERAIS NA FORMAÇÃO DA MULHER. PONTE NOVA, MINAS GERAIS - BRASIL (1893-1922)

ANA LUIZA FERNANDES DE OLIVEIRA DIAS*

IVANETTE DUNCAN DE MIRANDA**

Introdução

A História da Escola Normal Maria Auxiliadora de Ponte Nova, Minas Gerais, permite-nos perceber o significado cultural desta instituição. É uma obra que acreditamos interessar não só à família salesiana, aos alunos e ex-alunos desta casa, mas também ao povo de Ponte Nova e, especialmente, à mulher que aí encontrou espaço para se projetar na sociedade.

No exercício de nossa pesquisa não priorizamos apenas as fontes dos arquivos da Escola, recorrendo também a outros como o Arquivo Público Municipal de Ponte Nova, o da Cúria da cidade de Mariana e o da Inspetoria Madre Mazzarello. Preferimos trabalhar com material escrito e iconográfico, não atribuindo importância maior a um tipo de fonte, na tentativa de perceber as várias versões: de salesianos, de outros religiosos, de benfeitores e políticos, de ex-alunas, da imprensa.

Esta história começa com dois sonhadores que acreditam na possibilidade de construir o Reino de Deus junto com os jovens: o padre João Bosco e a madre Maria Domingas Mazzarello. Fundadores de duas congregações religiosas de educadores – a dos Salesianos e a das Filhas de Maria Auxiliadora ou Irmãs Salesianas – transmitem a seus filhos o ardor que os traz às terras brasileiras.

Nosso trabalho acompanha a caminhada histórica da Escola Normal Maria Auxiliadora no período compreendido entre 1893 a 1922 e se organiza em três partes.

Na primeira parte, descrevemos o contexto histórico da República no Brasil e em Minas Gerais; apresentamos a cidade de Ponte Nova, suas origens e contexto histórico no final do Século XIX; enfocamos a situação da igreja no Brasil e em Mariana que, através de seu bispo Dom Silvério Gomes Pimenta, busca apoio das escolas na defesa dos valores católicos. Mostramos ainda a reaproximação dos dois poderes – o religioso e o civil na República Mineira, visando «recristianizar» o Estado e o povo.

* Brasileira, prof. de história em Ponte Nova, M. G. (Brasil).

** Filha de Maria Auxiliadora, diret. e prof. em Ponte Nova, M. G. (Brasil).

Na segunda parte apresentamos a evolução da Escola nos diversos períodos: de 1893 a 1895, a atuação de Dom Lasagna e da sociedade pontenovense; os primórdios, no ano de 1896; a oficialização do curso normal em 1897, com enfoque na educação da mulher.

Enfim, damos uma visão de conjunto sobre o significado da presença das Filhas de Maria Auxiliadora em Ponte Nova, na qualificação da «Profissional de Ensino e Educação» com a Escola Normal Maria Auxiliadora, no trabalho social e cultural do Oratório Festivo, dos festivais lítero-musicais, nos seminários em defesa da mulher, no associacionismo das ex-alunas, das mães de família e das damas de Maria Auxiliadora.

Definida como «patrimônio moral e intelectual» não só de Ponte Nova, mas de Minas Gerais na formação da mulher, a Escola Normal Maria Auxiliadora, «casa» de ensino e de intensa espiritualidade mariana, encaminha para a sociedade um significativo número de mulheres que se projetam na história da educação brasileira, da defesa dos valores cristãos e da emancipação feminina.

1. Contexto político-social

1.1 O Brasil republicano

Através de um golpe militar, sem derramamento de sangue e sem participação do povo,¹ é proclamada a república em 15 de novembro de 1889. Provisoriamente assume o poder o marechal Deodoro da Fonseca. A nova ordem é consolidada através da Constituição de 1891, que estabelece um governo presidencialista representativo, através de eleições, com clara divisão de poderes, liberdade de pensamento, ensino e religião e instituindo a separação entre a Igreja e o Estado. Os dois primeiros presidentes republicanos, marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891) e Floriano Peixoto (1891-1894), são militares. Com o primeiro presidente civil, Prudente de Moraes (1894-1898), tem início a República Oligárquica (1894-1930) em que os Estados de São Paulo e Minas Gerais, por serem muito populosos, têm grande bancada e, portanto, maior força política. A pujança econômica de São Paulo, então o maior produtor de café do Brasil, e Minas Gerais, o segundo Estado em produção agrícola e industrial (especialmente laticínios) dão-lhes a garantia que nenhum poder federal pode ser exercido contra seus interesses.

1.2 A república em Minas

Provocaram-se já inúmeros debates quanto ao ideário republicano no movimento de 1789 na Capitania de Minas. É fato que propostas de autonomia e inde-

¹ Cf José Murilo de CARVALHO, *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

pendência aparecem no pensamento político dos ideólogos da Inconfidência Mineira de 1789.²

Já no século XIX, a causa republicana encontra ecos em três núcleos mineiros importantes: Diamantina (através do órgão Jequitinhonha), Juiz de Fora (o Farol) e Campanha (com o Liberal Campanhense). É, porém, com o órgão Colombo (Campanha), publicado esporadicamente em 1873 e em caráter regular de 1879 a 1885, sob a direção de Lúcio Meira, que a propaganda republicana tem maior ressonância. (TORRES, 1980: 1183-1209).

Vitoriosa a República, em 15 de novembro de 1889, a capital de Minas Gerais, Ouro Preto, permanece calma. Cesário Alvim é indicado presidente (= governador de Minas), liderando movimento de forte oposição à ascensão dos republicanos históricos ao poder no Estado. Político oriundo da Zona da Mata, constrói sua base política na região central.

É incontestável a atuação de Minas Gerais na primeira etapa republicana juntamente com São Paulo, através da Política do Café com Leite³. E a atuação da Zona da Mata Mineira é analisada por VISCARDI (1996: 224):

«[...] a cafeicultura da Zona da Mata mineira representou, durante todo período em foco, a maior parte das exportações mineiras do produto, em uma percentagem média de 70% contra 30% do sul de Minas. Durante todo o período, a produção cafeeira do estado manteve-se estável, correspondendo, em média, a 20% da produção brasileira. Diferentemente da produção paulista, que manteve-se em escala descendente, a produção mineira vivenciou as diversas crises do café mantendo a estabilidade percentual no conjunto da exportação cafeeicultora brasileira. Em termos absolutos, porém, a produção mineira teve ascensão gradual e constante».

² «As poucas referências que constam dos autos sobre a forma de governo que seria implantada não permitem a afirmação categórica da pretensão dos inconfidentes de adotar a república. E a menção aos parlamentos, sete no depoimento de José de Rezende Costa Filho, não é suficiente para se concluir sobre a idéia da forma republicana de governo. Parlamentos há também nas monarquias. Por outro lado, da simpatia pela revolução americana, muitas vezes reiterada, não se pode derivar, sem mediações, a intenção dos inconfidentes de proclamar nas Minas uma república federativa». Carla Maria Junho ANASTASIA, *A idéia da república na Inconfidência Mineira*. (= IX Anuário do Museu da Inconfidência – IBPC). Ouro Preto 1993, pp. 121-129.

³ Em Minas (maior produtora de leite) e São Paulo (maior produtor de café), as oligarquias estavam bem organizadas em torno de dois grandes partidos políticos: o PRP (Partido Republicano Paulista) e o PRM (Partido Republicano Mineiro), mantendo o controle político do país durante as três primeiras décadas (1894-1930). Quem analisa com profundidade esta questão é Raimundo FAORO, *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre, Globo 1976, 3.ª ed., pp. 499-654. Ainda citamos: Schwartzman (São Paulo) e Martins (Minas Gerais) advogam que a aliança ente os dois estados não teve por fundamento o café, na medida em que a elite mineira não atuava na defesa dos interesses da cafeicultura e a elite paulista teve seu poder político muito aquém de seu poder econômico. Os demais trabalhos acerca da Primeira República Maria do C. C. Souza (1985), Edgar Carone (1983), Mello Franco (1973) e José Maria Bello (1972), reconhecem a base cafeeicultora da aliança, associando a hegemonia dos dois estados ao seu poder econômico de serem os primeiros produtores da principal fonte de riqueza nacional. Cláudia Maria Ribeiro VISCARDI, *Elites políticas mineiras na primeira república brasileira*, in «LPH» 6 (1996) Dep. História/UFOP. Anais do X encontro regional de História. ANPUH – MG 227.

Provisoriamente e em caráter transitório governam Minas: Cesário Alvim (15/11/1889 a 10/02/1890), João Pinheiro (10/02/1890 a 20/07/1890), Crispim Jacques Bias Fortes (22/07/1890 a 11/02/1891) e Dr. Antônio de Augusto Lima (14/03 a 16/06/1891).

Com sua experiência de conselheiro do Império e sua capacidade de trabalho, Afonso Pena, juntamente com os constituintes repudiam o princípio do laicismo, promulgando a Constituição Política de Minas Gerais de 15 de junho de 1891: «em nome de Deus-todo-poderoso».

Embora a Constituição Federal de 24/2/1891 estabeleça no art. 72 § 6º que seja «leigo» o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos, os legisladores mineiros entendem que tal dispositivo só se deva aplicar aos estabelecimentos federais, enquanto «a competência do ensino primário escapa à Constituição Federal», como afirma o deputado Bernardino de Lima, na sessão constituinte Mineira de 11/5/1891, apoiado por todos os seus colegas.

O primeiro presidente constitucional mineiro é José Cesário Faria Alvim que ficou no poder até 17 de fevereiro de 1892. Mantendo-se fiel a Deodoro, de quem foi ministro, renuncia ao governo de Minas. O sucessor de Alvim é Afonso Pena, eleito presidente com 48.000 votos.

Durante os dezesseis anos da República, todos os governos de Estado em Minas permitem, nas escolas, em caráter facultativo, o ensino católico, sem que haja protesto ou reclamação alguma (LIMA, 1929: 32 s e 398 s). Dá-se exceção quando o governador positivista João Pinheiro da Silva e seu secretário do interior Carvalho de Brito, em 1906, proibem o ensino religioso na escola oficial, deixando igualmente de subvencionar os seminários católicos.

Todos os governos republicanos demonstram simpatia para com os Salesianos (AZZI, 1996: 46/51) e no caso específico da Escola Normal Maria Auxiliadora, podemos dizer que esta recebe apoio direto dos governos de Crispim Jacques Bias Fortes (1894/1898), Francisco Silviano Almeida Brandão (1898/1902), Wenceslau Brás Pereira Gomes (1909/1910), Júlio Bueno Brandão (1910/1914) e Arthur da Silva Bernardes (1918/1922).

1.3 Ponte Nova

Situada a leste de Minas Gerais (Brasil, Zona da Mata Mineira), de topografia montanhosa, 402 metros de altitude e clima entre o temperado e tropical Ponte Nova é atravessada pelos rios Piranga e Carmo, que se unem para formar o Rio Doce que deságua no Atlântico. Segundo a tradição, seu nome origina-se de uma ponte nova sobre o rio Piranga na parte baixa da cidade⁴ que substitui a antiga ponte provisória, de madeira, construída por uma comissão do governo da

⁴ «Era o ponto em que outrora, em disputa renhidas, Aymorés e Purys se encontravam brigando». Cf Manoel Ignacio Machado de MAGALHÃES, *Resumo histórico de Ponte Nova*. Ponte Nova, Typ. Ideal 1922, p. 3.

capital que pretende abrir uma estrada para ligar a cidade de Ouro Preto à capitania do Espírito Santo. O nome «Ponte Nova», é adotado para denominar o primeiro núcleo de habitações, que se estabeleceu ao lado direito do rio Piranga e, até hoje, para indicar o Município e a cidade que é sede do mesmo.

Historicamente, com o declínio da mineração na região das minas, vão sendo instaladas fazendas, tornando-se comum o plantio da cana-de-açúcar. Em 1755 chega à região Miguel Antônio de Medeiros, com uma carta de sesmaria, datada de 27/02/1755, fundando, no ano seguinte, a fazenda da Vargem Alegre. Já em agosto de 1756, seu irmão, Sebastião do Monte Medeiros da Costa Camargo, funda a fazenda do Córrego das Almas, tendo assumido o comando das ordenações do distrito de Ponte Nova. Em 1763, chega outro Monte de Medeiros, recentemente ordenado padre, considerado benemérito fundador da cidade. Em 30 de outubro de 1772, o padre João do Monte de Medeiros, doa o terreno que lhe pertence e faz parte da sesmaria da Vargem para a construção da capela de S. Sebastião e Almas de Ponte Nova. Com autorização do bispado de Mariana, a capela é erguida e o arraial adquire personalidade canônica. Ao redor da capela são construídas as primeiras casas.

Ponte Nova apresenta-se no século XIX, com grandes transformações políticas: elevada a categoria de freguesia em 1832, de vila em 1857, de cidade em 1866 e de comarca em 1875.⁵

Elevada a freguesia, seu primeiro pároco, João José de Carvalho, é empossado em 22 de agosto de 1836. Em 25 de janeiro de 1838, assume a paróquia o padre José Miguel Martins Chaves, pontenovense, que também doa terrenos e, no lugar da antiga capela, manda construir uma matriz (1860) dando licença para construções nas zonas próximas. Delineam-se as ruas João Pinheiro, Municipal e Beira-Rio. Em 1864, o padre José Miguel Martins Chaves é substituído pelo vigário João Paulo Maria de Britto, que também muito beneficia a cidade, idealizando um hospital e um colégio para meninas

Economicamente, na segunda metade do século XIX, o município de Ponte Nova, já se destaca em segundo lugar na produção do café no Estado de Minas Gerais e na produção do açúcar, com a fundação da usina do Pião pelos irmãos Vieira Martins.

Duas oligarquias representam a estrutura de mando: os Gonçalves Torres e os Martins da Silva. Os Martins da Silva se projetam na política da capital da província: o médico Leonardo José Teixeira da Silva, deputado e vice-presidente e seu filho, Antônio Martins Ferreira da Silva, «benemérito cooperador» da Escola Normal Maria Auxiliadora, que se destaca como vereador, presidente da câ-

⁵ Ponte Nova foi elevada à condição de Vila pela Lei Provincial n.º 827 em 11/07/1857, revalidada pela Lei n.º 1.111 de 16/10/1861; a cidade pela Lei n.º 1.300 de 30/10/1866. O Município ficou composto dos seguintes distritos: Bicudos, Santa Cruz do Escalvado, São Pedro dos Ferros, Jequeri e Amparo do Serra; quando elevada a comarca, com Viçosa, formaram a Comarca do Rio Turvo.

mara de Ponte Nova, deputado provincial, senador estadual, presidente do senado de Minas, vice-presidente do estado e deputado geral, tornando-se um dos maiores líderes políticos da Zona da Mata.

Na passagem da Monarquia para a República quando a temática se concentra no problema da escravidão, Ponte Nova, não apresenta conflitos sociais maiores, pois a esposa do influente político Antônio Martins, tem atuação significativa:

«[...] Sra. Dona Maria Genoveva Martins, organizadora e presidente de uma sociedade abolicionista, reuniram-se na casa de sua residência à rua da Praia e libertaram os seus escravos com a condição de prestarem serviço por algum tempo, resolvendo adoptar em suas fazendas o systema já praticado por alguns, de parceria agricola com trabalhadores nacionaes e com colonos estrangeiros, pela maior parte italianos, que começavam a se localizar nas fazendas».⁶

O intenso comércio do café e açúcar, traz o progresso dos transportes, sendo servido desde 1886, pela Estrada de Ferro Leopoldina, que percorria 97 km de estrada no Município, com as estações de Vau-Assu, Ponte Nova, Pontal, Chopotó, Rio Doce, Anna Florência, Bandeiras. Pelo recenseamento de 1890, o município tem uma população de 41.103 habitantes, com «diversas artes e profissões» conforme dados fornecidos por PALERMO:

«[...] 5 advogados, 4 agentes de casas comerciais, 5 agrimensores, 30 alugadores de pasto, 42 alfaiates, 1 agente de loteria, 7 barbeiros, 3 casas de pensão, 139 carpinteiros, 11 caldeiros, 146 carros de aluguel, 1 cobrador, 8 dentistas, 23 exportadores de café, 8 exportadores de assucar, 29 exportadores de aguardente, 11 empreiteiros, 22 ferreiros, 10 fogueteiros, 3 casas de fundição, 2 ferradores de animais, 5 hotéis, 3 intermediarios, 12 marceneiros, 11 mechanicos, 8 negociantes de gado, 5 ourives, 28 olarias, 18 pharmacias, 14 padarias, 35 pedreiros, 5 photographos, 5 relojoeiros, 22 ranchos, 4 restaurantes, 1 solicitador, 42 serradores de madeira, 7 selleiros, 21 sapateiros, 7 typographias, 12 medicos, 2 fabricas de cerveja, 1 agente de Banco».⁷

Em sua evolução político-econômica, um problema se apresenta «estudantes d'aqui numerosos seguiam, procurando instrucção em Congonhas, Caraça e Marianna, onde havia um collegio de graça».⁸

Na busca de solução é criado um colégio «para meninas», assumido pela Congregação Salesiana, que nasce juntamente com o promissor bairro de Palmeiras.

Brevemente, acompanhamos a trajetória da Ponte Nova, conhecida como a terras das «ladeiras, das Palmeiras e do Piranga», a «princesinha da Zona da Mata», a «rainha do açúcar e do café». Suas raízes nós as encontramos nas histórias dos gentios, dos sesmeiros, das usinas trazidas nos lombos do burro, nas

⁶ I. M. DE MAGALHÃES, *Resumo histórico...*, p. 47.

⁷ Pedro PALERMO, *Monographia do município de Ponte Nova*. Ponte Nova, Estado de Minas Gerais, Roberto Capri - Editor Ano MCMXVI, p. 24.

⁸ I. M. DE MAGALHÃES, *Resumo histórico...*, p. 9.

canções dos escravos, no imigrante italiano, nos homens e mulheres ilustres e na gente comum.

1.4 A igreja no Brasil

Apesar da separação oficial de igreja e estado no Brasil, consagrada pelo Decreto 119-A, de 7 de janeiro de 1890 e incorporada na Constituição de 1891, assistimos, na Primeira República, a um curioso processo de reaproximação dos «dois poderes». A igreja não se conforma com uma posição secundária na vida nacional, apelando aos «sentimentos religiosos da absoluta maioria da população».⁹

Para se afirmar como poder perante o estado, a igreja no Brasil procura, durante este período, o apoio de Roma. A igreja romaniza-se e europeiza-se, alienando-se da realidade nacional.¹⁰ Este apoio romano é verificado através do documento papal:

«[...] O Estado se reja totalmente pelos mandamentos de Deus e os princípios cristãos, quer se trate de fazer leis, ou de administrar a justiça, quer da educação intelectual e moral da juventude, que deve respeitar a sã doutrina e a pureza dos costumes».¹¹

E a igreja continua defendendo, embora não oficialmente, o conceito de sociedade sacral, ou seja, o modelo de «cristandade» em que religião e sociedade, ou catolicismo e pátria, se identificam. Nesta visão, a vida social se auto compreende através da justificação de caráter transcendente e religioso. A igreja critica a constituição republicana que é considerada «antidemocrática» por possuir dispositivos diretamente opostos aos «sentimentos do povo católico»,¹² assumindo como formas concretas: a luta contra o divórcio, o combate à ignorância religiosa, as «missões populares» e a imprensa católica.¹³

Observamos que a igreja nos primeiros cinquenta anos de República, com seu modelo de «Sociedade Perfeita», tenta ganhar terreno, visando cristianizar as elites, sobretudo através dos colégios, para que estas cristianizem o povo, o estado e a legislação.

1.5 A igreja na diocese de Mariana

Minas Gerais, luta no processo de recristianização do Brasil, passando a idéia de Sociedade Perfeita, divulgada pelo clero, e conquistando e preservando a

⁹ Henrique Cristiano José MATOS, *Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas entre 1922 e 1936*. Belo Horizonte, O Lutador 1990, p. 45.

¹⁰ Pablo RICHARD, *Morte das cristandades e o nascimento da igreja. Análise histórica e interpretação teológica da igreja na América Latina*. São Paulo, Paulinas 1982, p. 139.

¹¹ Pio XI, *Encíclica «Quas Primas»* de 1925, nº 20.

¹² Cf Riolando AZZI, *O catolicismo popular no Brasil. Aspectos históricos*. Petrópolis, Vozes 1978, p. 59.

¹³ H. C. J. MATOS, *Um estudo histórico...*, pp. 144-168.

aproximação com o estado. A igreja católica mineira, através da hierarquia da igreja e junto com as associações leigas, se arma na defesa contra seus «inimigos»: o protestantismo, o comunismo, o espiritismo e a maçonaria. Faz-se intensa campanha contra o divórcio, cruzada contra a «moda indecente», reprovação das «bacanais carnavalescas» e críticas à religiosidade popular.

Em Mariana, na ação intensa e fecunda de seu bispo Dom Silvério Gomes Pimenta, encontramos forte resistência ao ateísmo, materialismo e agnosticismo próprios da Primeira República.

Para a mentalidade da época, o futuro da pátria é a educação religiosa da mocidade e não se apenas com o catecismo da escola oficial. As dioceses, especialmente as mineiras, armam-se para oferecer escolas «integralmente católicas», assumidas por congregações religiosas, muitas delas provenientes da Europa.

Já no início do século, Dom Silvério Gomes Pimenta, em carta circular de 3-4-1906, lança veemente apelo ao seu clero diocesano, pedindo que:

«V. Revma. empregue toda a diligência para arredar as crianças das escolas acatólicas de sua freguezia, ou de qualquer outra. Inste, insista, aconselhe, avise os pais que não permitam, não tolerem por nenhum motivo, nenhuma razão, nenhuma necessidade, que seus filhos freqüentem tais escolas; intimidem-lhes os desgostos que os esperam na vida se educarem sem religião seus filhos, e os castigos eternos, que para si e para eles preparam com tais procedimentos, porque se fazem co-autores da morte espiritual dos filhos, culpados de enorme pecado diante de Deus, e por isso réus de eternos suplícios».¹⁴

Na mesma circular, declara sem rodeios:

«Falo de meninos de ambos os sexos, que os pais não temem confiar a colégios e mestres protestantes, heterodoxos, ou ainda sem religião. Não vêem esses pais que com semelhante procedimento impelem seus filhos para a apostasia, fazendo-os perder no colégio, ou nas aulas, as verdades católicas que aprenderam, ou deviam aprender em casa. Pais que assim tratam seus filhos são filhos de Deus réus de um crime».¹⁵

Em sua carta pastoral de 29-03-1912, Dom Silvério Gomes Pimenta, faz discurso apologético na luta pelo ensino religioso na escola pública:

«Escolas chamadas neutras, ou ateias, são perniciosíssima invenção para arrancar do coração da infância, e depois da sociedade, a fé e os sentimentos religiosos. Este nefando empenho se acoberta e se procura defender com a capa da liberdade de consciência, de civilização, de progresso, quando na realidade não é senão uma guerra nutrida contra a fé católica, alvejada principalmente com tais medidas».¹⁶

¹⁴ D. Silvério Gomes PIMENTA, *Cartas Pastorais*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro e Maurilo 1921, pp. 95-97.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Aos pais, com relação à educação, sobretudo moral, de seus filhos*, Mariana, 29-3-1912, in Dom S. G. PIMENTA, *Cartas Pastorais...*, p. 139.

... na formação da mulher. Ponte Nova, Minas Gerais - Brasil (1893-1922) 209

Os bispos da província eclesiástica de Mariana, recomendam: «É preciso que continuemos unidos, associados. Isolados, seremos vencidos. É para isto que existem as Associações Religiosas... Elas que vão consolidar e garantir a obra tão bem começada das Missões».¹⁷

Destacam-se as associações religiosas como o apostolado da oração, a conferência de São Vicente de Paula, as damas da caridade, a pia união das filhas de Maria, a união dos moços católicos... auxiliando na defesa dos valores da igreja.

Os dirigentes do estado mineiro, ao lado da diocese de Mariana, buscam encontrar apoio nas crenças religiosas do povo. Uma escola católica, como a Escola Normal Maria Auxiliadora, ajudará a conter os perigos do laicismo estatal da primeira república brasileira.

2. A Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora

2.1 Período de 1893 a 1895

Projeto e doação

Em 1893, ao iniciar a obra das Filhas de Maria Auxiliadora na América Latina, a perspectiva do bispo salesiano Dom Luís Lasagna é não apenas o cuidado da juventude pobre e abandonada, mas também a abertura de colégios para as classes médias a fim de contrapor o ensino religioso ao ensino leigo. Seus ideais coincidem com os do vigário de Ponte Nova, João Paulo Maria de Brito:

«[...] o estabelecimento de um collegio em Ponte Nova, semelhante ao collegio Providencia de Mariana, destinado à educação do sexo feminino, conseguindo da Congregação Salesiana, que ela se encarregasse de organizá-lo e de assumir a sua direção, mandando para aqui algumas irmãs salesianas; e logo auxiliado por alguns cidadãos prestimosos».¹⁸

Considerando que nos grandes centros urbanos o espírito liberal é forte, Dom Lasagna prefere situar estes colégios em cidades do interior onde a tradição religiosa se mantém mais forte e a população mais respeitosa com os ministros do culto e as pessoas consagradas. (AZZI, 1982: 145, 148).

Correspondendo aos anseios de Lasagna, do vigário João Paulo Maria de Brito e da sociedade pontenovense,¹⁹ em 4 de abril de 1895, o agente executivo de Ponte Nova, Dr. José Marianno Duarte Lanna, declara em mensagem a Câmara Municipal:

¹⁷ «Para a perseverança» in: «O Diário», Ano 1, n.º 167, 21 de agosto 1935, p. 15, c. 4.

¹⁸ I. M. DE MAGALHÃES, *Resumo histórico...*, p. 50.

¹⁹ Os beneméritos fundadores da Escola Normal Maria Auxiliadora: os diversos segmentos idealizaram juntos esta obra educativa. Destacamos ao lado da iniciativa do Exmo. Sr. dom Luís Lasagna, do padre Pedro Rota, o vigário João Paulo Maria de Brito, homens ilustres e representantes dos governos estadual e municipal.

«[...] tendo sido considerados de utilidade municipal os terrenos e aguadas da fazenda das Palmeiras por lei n.º 24 de 18 de setembro de 1893, que teve ratificação por lei n.º 39 de 4 de outubro de 1894 em que determinou a verba a empregar-se na aquisição daqueles terrenos e aguadas [...] as quaes foram approvadas em sessão de 27 de janeiro do corrente anno, realizei a compra dos 54 alqueires de terras, aguas e fontes nas vertentes do Corrego “Passa Cinco” e bem assim a casa de vivenda, pomar, paredão e ponte de pedra e um dos moinhos [...] fiz declarar na escriptura que a casa de vivenda era destinada para o Collegio Saleziano. Em cumprimento da lei n.º 50 de 5 de fevereiro de 1895, contractei um engenheiro civil Dr. João Ernesto Rodacanachi para levantar a planta da nova povoação no patrimônio adquirido, sendo lavrado o contrato a 27 de março p. passado. Nesse contrato ficaram constando os estudos do plano geral da povoação, alinhamento e locação das ruas, praça e becos, divisão de lotes etc., etc. [...]».²⁰

A mensagem do agente executivo tem aprovação unânime da Câmara Municipal.²¹ Autorizando o dispêndio da quantia de 15.000\$000 réis,²² o Dr. José Marianno Duarte Lanna, transfere através de simples doação ou escritura para a congregação dos Salesianos o título de justos domínios das benfeitorias e terrenos para a fundação de colégio para a educação de meninas.²³ O mesmo chefe executivo municipal está autorizado pela Câmara Municipal, a completar o donativo votado pelo mesmo, na lei n.º 49, se os bens referidos não equivalerem, pela avaliação, àquele donativo.²⁴

A comitiva salesiana rumo a Minas

No dia 5 de novembro de 1895, partem de Guaratinguetá rumo a Ponte Nova, Cachoeira do Campo e Ouro Preto, o bispo salesiano Dom Lasagna e sua comitiva. Embarcam em um vagão especial, patrocinado pelo governo federal e providenciado pelo ministro da indústria e comércio, Antônio Olinto. Porém, o trem em que viajam na estrada de ferro Central do Brasil, choca-se com outro trem da mesma estrada, a poucos metros da Estação Mariano Procópio, em Juiz de Fora.²⁵ A tragédia com a comitiva de Dom Lasagna repercute não só na fa-

²⁰ ARQUIVO MUNICIPAL de Ponte Nova, *Ata extraordinária da Câmara Municipal*, 5 de abril de 1895, pp. 150-156.

²¹ Constituiu o poder público em Ponte Nova/1895: Agente Executivo: José Marianno Duarte Lanna; Presidência da Câmara de Vereadores: médico e industrial Francisco Vieira Martins... cf ARQUIVO MUNICIPAL.

²² Cf LEI n.º 49, documento n. 840. Est. Graph. «Gutenberg» – Rua Municipal, 70. Irmãos Penna & C. Ponte Nova – Minas, p. 55.

²³ Cf Ata da 1ª reunião ordinária da Camara Municipal de Ponte Nova, anno de 1895, pp. 156-159.

²⁴ Cf Ata da 5ª reunião da 1ª sessão ordinária da Camara Municipal de Ponte Nova, anno de 1896, p. 184.

²⁵ Neste desastre, perdem a vida: Dom Luis Lasagna (45 anos), padre Bernardino Villamil (secretário do bispo de Trípoli, 23 anos, uruguaio), irmãs Thereza Rinaldi (33 anos, italiana, 1ª visitadora), Petronilla Imas (50 anos, uruguaia), Júlia Argenton (32 anos, italiana),

mília salesiana, mas nas autoridades civis e militares, nos representantes da imprensa, nas associações diversas, no povo em geral. O próprio presidente do Estado de Minas, Bías Fortes, manifesta sua solidariedade em carta endereçada ao padre Carlos Peretto,²⁶ bem como o bispo auxiliar de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta.

2.2 A Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora

Os primórdios

No dia 6 de abril de 1896, as irmãs Maria Cousirat, Olivia Facchini, Rosina Pomati, Veridiana Godoy, Dolores Petazzi, Paulina Heitzman, acompanhadas pelos padres Carlos Peretto e Agostino Zanella, partem de Guaratinguetá e depois de vários dias de viagem chegam à Vila de Ponte Nova, para dar continuidade à obra iniciada por Dom Luís Lasagna:

«A chegada desta pequena caravana, foi um verdadeiro triunfo; esperavam na estação, autoridades eclesiásticas e civis, acompanharam-na à Igreja Paroquial e depois às casas das famílias benfeitoras do novo colégio. Pela distância da Vila ao colégio, não foi possível chegar ao mesmo dia. No dia 11 de abril, acompanhada sempre de uma eleita comitiva de senhores e do vigário João Paulo Maria de Brito, foi feita a solene entrada do novo colégio. O vigário celebrou a Santa Missa e ajudado do nosso Inspetor, passava a benzer a casa. Casa que fundada no sangue de tantos mártires, não deixaria de dar copiosos frutos».²⁷

No dia 20 do mesmo mês, padre Carlos Peretto viaja para sua sede inspetorial deixando, como diretor espiritual do novo colégio, padre Agostinho Zanella, como diretora a irmã Maria Cousirat e uma comunidade constituída pelas irmãs Olivia Facchini, Rosina Pomati, Veridiana Godoy, Dolores Petazzi e Paulina Heitzman.

A primeira crônica da casa revela as dificuldades enfrentadas: «Na nova casa se sofria não pouco, mais de uma vez faltava o necessário; as Irmãs não tinham suficientes camas; as novas educandas eram obrigadas a dormir no travesseiro mesmo no solo. Na escola não havia bancos nem carteiras, livros, etc. [...]».²⁸

Hedwiges Gomes Braga (22 anos, brasileira) e o fogueista do S. I. As irmãs Maria Cousirat (1ª Diretora da Escola de Ponte Nova), Paulina Heitzman, Florisbela Souza, não tiveram ferimentos graves e os padres Albanello e Zatti saíram incólumes.

²⁶ Cf Riolando AZZI, *Os salesianos em Minas Gerais*. São Paulo, Salesiana Dom Bosco 1986. Há um capítulo sobre o acidente com a comitiva de Dom Lasagna. Também há um revista que descreve sobre a tragédia: «*Mortes preciosísimas*», [s.l.] [s.e.], (1895).

²⁷ Cf *Crônicas da Escola Maria Auxiliadora* – Ponte Nova, 1896.

²⁸ *Ibid.*

Enfrentando e superando dificuldades

O Instituto Maria Auxiliadora começa a dar os seus primeiros passos, contando com o apoio da família salesiana:

«No início as alunas eram 50, cada dia aumentavam, 60 e 70, chegaram a 80. Lutando e sofrendo, chegaram ao término do ano escolar; porém antes do encerramento, tiveram a alegria de ser visitadas, pela Superiora Geral, Madre Catterina Daghero. Ela chegou nesta casa no dia 26 de setembro, veio acompanhada do Superior das Missões da América, Monsenhor Giovanni Cagliari e do nosso Inspetor Padre Carlos Peretto, da Irmã Anna Maserá nomeada visitadora desta Inspetoria, Irmã Felicina Faude, secretária e da diretora da Casa de Ouro Preto, Irmã Florinda Bitemma e duas noviças que vinham para ajudar o pessoal do colégio».²⁹

Funcionando em regime de internato e externato, o Instituto Maria Auxiliadora, projeta-se desde o início pelo forte espírito católico:

«Nos dias 28, 29 e 30, Padre Carlos Peretto, pregou o retiro espiritual às alunas; no dia 1º de outubro, 36 primeiras comunhões de internas e 19 de externas. No dia seguinte Crisma para 7 alunas internas e um bom número de externas, sendo madrinha nossa Superiora Geral. No dia 5 de outubro nossa amada Superiora acompanhada dos superiores de nossa Inspetoria, partia deixando no ânimo de todos a grata impressão de sua bondade e o exemplo edificante de sua virtude. No dia 30 de novembro, depois dos respectivos exames, houve a solene distribuição de prêmios, e alguns dias depois, as Irmãs partiam para Guaratinguetá, para os exercícios espirituais».³⁰

Para as diretoras irmãs Maria Cousirat (1896/1898) e Maria Cleofe Giacomina (1899/1906), os primeiros anos são bem difíceis, exigindo que a casa seja organizada com as adaptações possíveis. Com ajuda de benfeitores, inicia-se a construção de um prédio de dois andares para dormitório e refeitório.

A oficialização da Escola Normal: entre as primeiras de Minas

A normalista Maria Elisa Lanna ao descrever este momento histórico assim se expressa:

«[...] Os altos penachos das palmeiras viram operar-se a seus pés uma misteriosa metamorphose: a casa completamente transformada, a monotomia da vida campestre substituída por uma vida cheia de actividade material e intelectual. Cessaram, como por encanto, o ruído do moinho, o vae-vem dos colonos, o canto magoado do escravo, para dar lugar ás notas que se desprendem do piano, ao vae-vem de centenas de meninas cheias de brio e de vida, ao canto harmonioso e terno que se eleva ao pé do Sacrario e perde-se lá muito longe, depois de ter repercutido nas verdejantes collinas; e emquanto que, na sala da antiga fazenda, as illustres Filhas do immortal dom Bosco, vão desvelando os segredos das linguas, das sciencias e das artes, vão rasgando os densos véos que cobrem a intelligencia de suas discipulas,

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

... na formação da mulher. Ponte Nova, Minas Gerais - Brasil (1893-1922) 213

apontando-lhes o caminho, não somente da vida do lar domestico, mas tambem o caminho de um verdadeiro sacerdocio do magisterio [...].³¹

Em 02/07/1897 é inaugurada a Escola Normal. Neste ano o governo do estado mineiro, Dr. Crispim Jacques Bias Fortes, por intermédio do senador Antônio Martins, concede uma ajuda de 20:000\$000 réis (cerca de 19.000 libras). Equipada de modo suficiente para atender às exigências do curso normal em conformidade com o disposto do regulamento das Escolas Normais do Estado e usando das prerrogativas que para isso lhe concede o decreto N.º 1318 de 17 de abril de 1899:

«O Dr. Presidente do Estado de Minas Gerais, tendo em vista as informações prestadas pelo Inspector Municipal de Ponte Nova, em officio do 6 do corrente, sobre o Instituto de Educação denominado: *Maria Auxiliadora*, mantido na mesma cidade, resolve para a execução do que dispõe o artigo 35 da Lei n.º 221, de 14 de setembro de 1897, conceder ao mesmo Instituto as prerrogativas de que, nos termos do artigo 248 da Lei n.º 41, de 5 de agosto de 1892, gozam as Escolas Normaes Municipaes do Estado.

Palácio da Presidencia do Estado de Minas Geraes, 17 de agosto de 1899.

Dr. Francisco Silvano de Almeida Brandão

Wenceslau Brás Pereira Gomes».³²

Gozando do privilégio de encontrar-se entre as primeiras escolas normais de Minas Gerais e a primeira Escola Normal entre as escolas Salesianas do Brasil, a comunidade celebra o acontecimento em clima de festa, em 3 de setembro com uma sessão dramático-musical no colégio, com a presença do padre Carlos Peretto e de amigos e benfeitores da obra salesiana.³³

Para representar a casa diante do governo nos atos públicos, e também supervisionar as aulas e dar uma ajuda às irmãs e aos padres Crippa e Zanetti, o padre inspetor Peretto manda para Ponte Nova, o padre Carlos Graglia.

Oficializado o curso normal, a irmã Elena Ospital, em 14/07/1898, faz um pedido ao Congresso Mineiro para a reconstrução de uma parte do edifício ameaçado de ruína.

O primeiro título oficial do colégio, conforme narram as primeiras crônicas, é «Instituto de Educação Maria Auxiliadora» sendo posteriormente denominado «Escola Normal Maria Auxiliadora».

Preparando a mulher cidadã e educadora

Para um jovem formar-se professor primário na primeira república, deve seguir, de um modo geral, os seguintes estudos: curso primário (preliminar);

³¹ Discurso proferido pela quartanista dona Maria Elisa Lanna, *Anuario da Escola Normal «N. S. Auxiliadora» em Ponte Nova (Minas Gerais). Anno Lectivo de 1905*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas 1905, pp. 5-6.

³² R. AZZI, *Os salesianos Minas Gerais...*, pp. 151-152 e cf *Cronaca del Collegio Maria Ausiliatrice – Ponte Nova – Anno 1899*.

³³ *Crônicas da Escola Nossa Senhora Auxiliadora*, 1899.

o curso complementar e o curso normal. A primeira república, tenta várias reformas, sem êxito, para a solução dos problemas educacionais mais graves.³⁴ Segundo Fernando Azevedo,

«do ponto de vista cultural e pedagógico, a República foi uma revolução que abortou e que, contentando-se com a mudança do regime, não teve o pensamento ou a decisão de realizar uma transformação radical no sistema de ensino para provocar uma renovação intelectual das elites culturais e políticas, necessárias às novas instituições democráticas».³⁵

Recorrem à Escola Normal Maria Auxiliadora, moças provenientes da elite político-econômica não só de Ponte Nova, mas de toda a Zona da Mata Mineira e de outras localidades do estado, como São Pedro dos Ferros, Urucânia, Rio Casca, Raul Soares, Abre Campo, Caratinga, Manhuaçu, Matipó, Marliéria...

O período letivo do curso normal inicia-se em 1º de março e termina em 30 de novembro, sendo a formação das professoras enriquecida com a preparação para o ensino superior.

«[...] Pensam que as escolas normaes se destinam a formar exclusivamente professoras. Não; ellas occupam-se tambem da educação e da instrucción secundaria: habilitam para os cursos superiores. Assim entende o illustre Ministro do Interior, decidindo que as approvações nestes institutos valem para a admissão nas academias. É mais um voto de animação, é mais um estímulo á instrução das moças mineiras, que já em grande número seguem o curso dos Gymnasios, das Escolas Superiores [...]». Senador Dr. Camillo de Britto
Paranympo das Normalistas em 1905».³⁶

Os uniformes são rigorosamente compridos com mangas longas. Brancos para os domingos e listrados para os dias de semana. As botinas e as meias, compridas e grossas, são pretas. Para os passeios aos domingos, chapéus de palhinha com abas largas e um casaco azul marinho com gola branca, por cima do uniforme.

³⁴ A primeira delas, a de Benjamin Constant (1890) – substitui o currículo acadêmico por um currículo enciclopédico, com inclusão das disciplinas científicas. Esta Lei consagra o ensino seriado, dá maior organicidade ao sistema todo, atinge as escolas primárias, as escolas normais, as secundárias; cria o «Pedagogium» – centro de aperfeiçoamento do magistério, «impulsionador das reformas». O ensino secundário tem a duração de 7 anos. Outras reformas seguem-se a essa, como a Eptácio Pessoa (1901) que reduz a duração curso secundário para 6 anos; a reforma Rivadávia Correia (1911) – reduz a duração do secundário para 4 anos quando em regime de internato; faculta total liberdade e autonomia aos estabelecimentos e suprime o caráter oficial do ensino. A reforma Carlos Maximiliano (1915) – determina que a duração do secundário seja de 5 anos; reoficializa o ensino. A reforma João Luís Alves (1925) confirma os 5 anos para o secundário e concede certificado de aprovação ao término do curso. Para o curso de 6 anos de duração confere o bacharelado em ciências e letras. Cf Otaíza DE OLIVEIRA ROMANELLI, *História da educação no Brasil*. Petrópolis, Vozes 3ª ed. 1982, p. 43 e Claudino PILETTI - Nelson PILETTI, *Filosofia e história da educação*. S. Paulo, Ática, 2ª ed. 1985, pp. 194-195.

³⁵ Terezinha Moreira GOMES, *Fragmentos de vida – Crônicas*. Ponte Nova 1989, p. 43 – Impresso por GRAPHILVROS EDITORES LTDA. Belo Horizonte, Minas Gerais.

³⁶ *Anuario da Escola Normal «N. S. Auxiliadora»* em Ponte Nova (Minas Gerais). Anno Lectivo de 1905. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas 1905, pp. 11-17.

... na formação da mulher. Ponte Nova, Minas Gerais - Brasil (1893-1922) 215

Em 31/05/1903, ocorre a formatura das dez primeiras normalistas.³⁷ (Tabela do número de alunas – Anexo). As festas são noticiadas pela imprensa na íntegra e prestigiadas pelo «que há de melhor na sociedade». Os paraninfos são os mais «altos representantes das elites mineira e pontenovense»: Dr. Afonso Pena Júnior, Dr. Angelo Vieira Martins... Em seus discursos, eles despertam para as Ciências Sociais, citando Tocqueville, Platão, Sócrates, Aristóteles..., defendendo a Pátria, a Educação e a Mulher.³⁸ A banda da cidade, a «Ceciliana», sempre presente, executa peças como Brasileira de J. Vasconcellos, Aida de Verdi, Traviata etc. Não receber um convite para a colação de grau provoca um certo «ciúme» nos órgãos da imprensa:

«[...] Realisaram-se, quinta-feira ultima, na Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, os festejos commemorativos da entrega dos diplomas ás normalistas que no corrente anno concluíram o curso naquelle acreditado estabelecimento de ensino. Deixamos de publicar circunstanciada noticia a respeito desses festejos porque a nossa folha não foi honrada com um convite para assistil-os».³⁹

O testemunho dos inspetores de ensino: uma escola «modelo»

Através das Inspeções Escolares, é possível identificar como a escola vai ganhando projeção na formação da mulher, da profissional do ensino e da educação.

Registram que a ordem e a disciplina são «exemplares, perfeitas» e a escrituração toda feita com «escrúpulo e nitidez». No que se refere à frequência e ao rendimento escolar afirmam ser «vantajoso o adeantamento em todas as cadeiras»: «bem poucas são as alumnas que, ainda não atingiram grau 9». Verificando os trabalhos, nos cadernos de exercícios diários, consideram as tarefas como «uma relação epistolar entre as alumnas e os respectivos pais». As salas de aulas e exercícios encontram-se nos diversos pavilhões, ligados entre si por um grande alpendre e são «amplas, arejadas, claras». A estrutura do estabelecimento educacional é muito bem montada, «de accôrdo com os mais convenientes Conselhos Pedagógicos». Seu museu é rico de recursos,

«possuindo os tres reinos: animal, vegetal e mineral, occupando as estensas prateleiras de uma sala e do corredor. Além de produtos naturais, ali se encontram igualmente, produtos artificiais, mecânicos, manufaturados e outros importados».⁴⁰

³⁷ São elas: Anna Florência Martins, Celina Martins, Delphina Brandão da Silva, Dolores Gonçalves, Donaria Castro Rezende, Izolina Gonçalves, Maria Angelina Vasconcellos, Maria da Glória Ferreira, Maria Luiza Teixeira, Olívia Mello. O 1º corpo docente é composto das seguintes irmãs professoras: Português: Martha Lusso; Pedagogia: Diretora Maria Cleophas; Geometria: Josephina Martinoja; História: Sidnéia d'Oliveira; Zoologia e Botânica: Domingas Odone; Caligrafia: Carmelinta Allegra; Trabalhos manuais: Carlota Rena.

³⁸ Cf «Correio da Semana», novembro de 1929.

³⁹ «Gazeta de Ponte Nova», 6 de dezembro de 1925.

⁴⁰ Cf TERMO DE VISITAS de Inspetores Escolares – 1906 a 1922.

Com o avanço do positivismo, no Brasil, como em muitos países, dominou em certa época a concepção de que liberdade religiosa deveria significar que o estado ignorasse ou mesmo hostilizasse a religião, principalmente se católica.⁴¹

Em 1905, o inspetor Estevam de Oliveira faz questão de registrar sua admiração e a própria «conversão»: de adversário do ensino religioso a admirador do ensino ministrado por religiosos.⁴²

«Preciso de deixar aqui uma confissão sincera: a orientação philosophica de meu espirito me havia convertido em adversário intransigente do ensino ministrado por congregações: sou hoje um convertido. Foi a experiencia, foi a observação acurada de alguns institutos de ensino desta especie que operaram em mim o milagre da conversão. Dependesse de meu esforço eu propugnaria a propagação de taes estabelecimentos por toda superficie do territorio patrio. Neste conceito está incluída a opinião que formo do Collegio N. Senhora Auxiliadora, sabiamente dirigido pela Ir. Maria Cleophas, onde me foi dado apreciar, ao lado de brilhantes resultados obtidos, a applicação dos mais modernos e racionaes preceitos de educação pedagogica. Digo-o francamente, no exercicio do cargo que me ha sido dado desempenhar ha já não poucos annos.

Collegio N. S. Auxiliadora em Ponte Nova, aos 26 de maio de 1905.
Estevam d'Oliveira – (Inspetor extraordinario do ensino)».

Em 1907, Juscelino da Fonseca Ribeiro, inspetor técnico da 18ª circunscrição afirma:

«Creou-se há pouco, em Bello Horizonte, uma Escola Normal modelo que, attenta a elevada competencia de seu corpo dirigente e docente, certo fará honra ao Estado de Minas. Pois bem, para attingir a este resultado, de que resultará, como consequencia logica, a formatura de verdadeiras educadoras da infancia, nada mais precisa fazer o moderno instituto que imitar o Collegio equiparado de Maria Auxiliadora, onde, desde o material escolar até a Diretora e Professoras, cuja idoneidade moral e intellectual está acima de toda excepção, tudo contribue para tornal-o um estabelecimento digno de ser imitado [...]».⁴³

Publicado pelo Correio da Semana, dezembro de 1919, este é o termo de visita do senhor fiscal do governo, Jair Pinto dos Reis:

«[...] Designado pelo Exmo. Sr. Dr. Affonso Penna Junnior, D. D. Secretario do Estado de Minas Geraes, para fiscalisar os exames da Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora de Ponte Nova é com o coração cheio de civismo que affirmo ser este Estabelecimento estrella de primeira grandeza que brilha no firmamento intellectual de nosso Estado. Affirmo isto em vista do brilhante resultado verificado nos exames deste anno, processados com estricta moralidade e observancia e todos os preceitos regulamentares e bem assim pela bôa ordem, disciplina e hygiene notadas em todas as dependencias do Estabelecimento, que por mim foram cuidadosamente exami-

⁴¹ Cf J. C. DE OLIVEIRA TÔRRES, *História...*, 1533 s.

⁴² *Anuario da Escola Normal «N. S. Auxiliadora»* em Ponte Nova (Minas Gerais). Anno Lectivo de 1905. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas 1905, pp. 50-51.

⁴³ Cf TERMO DE VISITAS de Inspetores Escolares – 1907.

... na formação da mulher. Ponte Nova, Minas Gerais - Brasil (1893-1922) 217

nadas. Esta Escola, competentemente dirigida pela illustre Irmã Helena Ospital, é um patrimônio moral e intelectual que Minas se orgulha de possuir. Ponte Nova, 5 de novembro de 1919. Jair Pinto dos Reis». ⁴⁴

A educação salesiana: «negócios da alma e do coração»

Sensível à educação recebida segundo o espírito do sistema preventivo ⁴⁵ uma ex-aluna expressa-se em crônicas:

«[...] vem-me à memória a figura venerada e terna da [...] minha 1ª diretora que, com bondade e benevolência, acolhia e auxiliava as alunas que precisassem dos seus sábios e prudentes conselhos. Me lembro também, com carinho e gratidão, de todas as queridas Irmãs, mestras e assistentes, cuja bondade, paciência e saber muito ajudaram na formação moral e intelectual das alunas que lhes eram confiadas.[...] Não posso olvidar, também, o nosso santo e boníssimo capelão [...] que nos ajudava muito nos negócios da alma e do coração [...]». ⁴⁶

Nessas palavras percebe-se a presença dos pilares do Sistema Preventivo: bondade e paciência no diálogo freqüente e na correção amorosa; escuta atenta, deixando a jovem falar e expor suas razões; cuidado com a relação, a presença, o diálogo... típicos da assistência salesiana. «Como toda ação educativa também esta (a correção) é obra do carinho. Se tiveres que fazer uma correção, faze-a a sós com o interessado, em segredo e com a máxima doçura» (MB VII, 508).

Essa insistência de Dom Bosco é freqüente, e pelos relatos de ex-alunas, percebemos que era colocada em prática, entretanto, notamos uma disciplina rigorosa, comum na concepção da época:

«Os passeios periódicos eram realizados em fila dupla sem se olhar para os lados e conversando a meia voz, pois a vigilância das assistentes era rigorosíssima. Os nossos cabelos eram cortados por um barbeiro que ia no colégio, bem curtinhos e com um passador prendendo-os de lado. Não se podia olhar a rua pelas janelas, nem usar espelhos: dava-se de vez em quando uma olhada furtiva nas vidraças, mas com receio de ser apanhada em flagrante. Não havia comunicação entre as alunas internas e externas. Fazíamos silêncios nas filas, nos estudos, nos dormitórios e, no refeitório, só se podia conversar depois da leitura do trecho de um bom livro». ⁴⁷

Predominam o ambiente de família e alegria e a espontaneidade – dois postulados da «amorevolezza», a pedagogia do coração.

⁴⁴ TERMO DE VISITAS da E.N.S. Auxiliadora, publicado em: «Correio da Semana», Jornal, Ponte Nova, dezembro de 1919.

⁴⁵ O sistema preventivo de Dom Bosco é sustentado pelo trinômio: Razão, Amorevolezza e Religião. Para ele, é necessário que a integralidade material se torne integralidade religiosa formal, isto é, contínua interrelação do religioso e do sobrenatural com o profano e o natural (dever, estudo, trabalho, jogo) e incessante articulação na ação e no empenho cristãos (apostolado, sentido de igreja, caridade). Cf Pietro BRAIDO, *Il Sistema Educativo di don Bosco*. 2ª ed. Zürich – Schweiz, PAS-VERLAG, 1964, p. 38.

⁴⁶ Terezinha MOREIRA GOMES, *Fragmentos de vida...*, p. 146. Grifos nossos.

⁴⁷ *Ibid.*

«Mas, em compensação, nossas festas eram maravilhosas e brilhantes, principalmente a festa da Rda.Irmã Diretora, com variadas comemorações, um teatro muito bem encenado com dramas belíssimos e comoventes [...]».⁴⁸

A formação religiosa das alunas pauta-se pela piedade sacramental e a devoção mariana. Expressão desta religiosidade, são as missas diárias e confissões freqüentes, as novenas, as procissões, as visitas ao SS. Sacramento, os terços, as ladainhas, as jaculatórias. Sente-se a forte presença de Maria, a «protetora da liberdade religiosa».⁴⁹ Neste clima de devoção a Nossa Senhora, as alunas, tornam-se propagadoras de Maria, modelo de mãe e mulher, e de Dom Bosco, como o santo que viu nela a «Auxiliadora dos Cristãos» (Anexo).

«Quem não se lembra também das famosas procissões de N. S. Auxiliadora, no dia 24 de maio? Símbolo de fé, de devoção e amor! Apoteose de luzes, flores e cantos: 'Traja o céu de esplendores um manto / e as estrelas no céu a brilhar / vêm hinos louvores cantando / a Maria louvores cantar!' As santas missas, que assistíamos diariamente, a recepção da santa Comunhão, com os cantos apropriados a este momento sublime: 'Silêncio, silêncio, olhai o sacrário, a porta se abre já sai o Senhor / olhai o seu semblante, respira alegria / cheguemos, cheguemos com fé e sem temor'».⁵⁰

O juiz de direito de Ponte Nova, Dr. José Eduardo do Amaral, paraninfo das Normalistas em 1922, vê a Escola Normal, como apanágio das glórias, pelo sistema de educação aplicado:

«[...] ficam as ilustradas Irmãs voluntariamente entregues à sublime tarefa do ensino, que fazem pelo systema de educação baseado na simplicidade e efficacia admiráveis, segundo plano delineado pelo veneravel Dom Bosco. É o systema preventivo, que consiste em prevenir para não punir, e que se consegue pela assistencia rigorosa [...] Sobressae, neste systema de educação, a religião christã, cuidadosamente professada, e, por tudo isso, pensamos que as inumeras casas de instrução orientadas segundo os ensinamentos de Dom Bosco, espalhadas pelo mundo prestam inestimáveis serviços à humanidade e que, particularmente para Ponte Nova, esta Escola Normal é apanágio das glórias [...] por mais alta que seja a posição que venham alcançar na sociedade as ex-alumnas, serão estas sempre como que discípulas deste collegio».⁵¹

Os currículos da educação feminina

Os currículos apropriados à educação feminina dão o tom nesta escola. Na época, em geral, os currículos⁵² das escolas normais oferecem uma visão tradi-

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ Augusto de LIMA JÚNIOR, *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Imprensa Nacional 1956, p. 275.

⁵⁰ Ad *ibid.*, p. 147.

⁵¹ «Correio da Semana», Ponte Nova (Minas Geraes) 24 de dezembro de 1922.

⁵² Conforme dados da Secretaria da Escola e resultados dos exames publicados pelo Jornal «Correio da Semana», estuda-se no 1º ano: Português, Francês, Aritmética, Geografia,



... na formação da mulher. Ponte Nova, Minas Gerais - Brasil (1893-1922) 219

cional, sem nenhum avanço para diminuir a discriminação da mulher. Enquanto para a mulher se pretenda uma educação mais dentro dos limites do mundo doméstico, para o homem da primeira república se postula um saber mais científico e próprio para o mando.

Se esta visão enquadra-se nos moldes do sistema educacional brasileiro, não se pode negar que às alunas da Escola Normal Maria Auxiliadora são oferecidas oportunidades para o despertar da filosofia e ciências sociais que as tornam mais conscientes na defesa da própria classe:

«[...] Não duvidamos em admitir que o ensino primário e cívico cabe ser feito, com certa preferencia, pela mulher, por isso que esta, mais do que o homem, necessita de um regimen político de liberdade, porquanto é ella que ainda tem de conquistar a sua emancipação, fazendo reconhecer que os seus direitos devem ser iguaes aos do homem. Essa preferencia merece ser attendida, porque permittirá á mulher preparar o espírito popular para o advento natural e inevitável do feminismo na nossa pátria. Incontestavelmente, o primeiro logar da mulher é na família, em cujo seio se praticam as melhores virtudes de pureza e que não são ultrapassadas em importancia por nenhum outro sentimento.[...].

É injustificável a permanencia, no nosso direito, do principio da relativa incapacidade da mulher casada, porque, como disse Clovis Bevilacqua: “[...] a família é uma sociedade de que o marido é o chefe, mas, na qual, a mulher é chamada a funcções, tão nobres e elevadas, que o direito não póde ferreteal-a com o estigma da incapacidade.”

Sob o ponto de vista puramente político, tem a mulher o direito de tomar parte activa na vida nacional por meio do voto, que lhe será conferido, sem que dahi resulte prejuizo para a família organizada debaixo dos rigores do christianismo, como mostram illustres escriptores catholicos, que defendam a emancipação da mulher, como Etienne Lany, no livro “La femme de demain”, e o Pe. Sertillanges, auctor do “Feminisme e Christianisme” [...] A secção do direito constitucional do Congresso Jurídico [...] approvou, por grande maioria, a these de que, em face da Constituição do Brasil, não é prohibido ás mulheres o exercicio dos direitos políticos. Tudo faz crer, portanto, que em tempo próximo, terá a mulher conquistado sua emancipação, e são os nossos votos formulados para que, desse grande passo de progresso, sómente resultem benefícios para a Nação».⁵³

Este discurso, feito na escola, pelo paraninfo das normalistas, representante do ministério público, o juiz da Comarca de Ponte Nova, Dr. José Eduardo do Amaral, repercutiu na consciência dos ouvintes desta sociedade rural e evidente-

Música, Desenho, Caligrafia, Ginástica, Costura e Trabalhos Manuais. Nos 2º e 3º anos: Português, Geografia, Aritmética, Geometria e Desenho Linear, Física, Música, Ginástica, Costura e Trabalhos Manuais. No 4º ano: Português, Zoologia, Botânica, Desenho, Aritmética, Pedagogia, Geometria, Geografia, História, Trabalhos Manuais. Pelo regulamento n.º 1175 nos artigos 135 e 136 de 29 de agosto de 1898, as alunas teriam certificado de aprovação ao quarto ano equiparado às Escolas Normais do Estado. Após julgadas as provas escritas, prestariam exames orais perante comissões examinadoras, fiscal do governo junto ao estabelecimento e da diretora, recebendo as seguintes classificações: distinção, plenamente, simplesmente.

⁵³ Dr. José Eduardo do Amaral, paranynpho das Normalistas da E.N.N.S. Auxiliadora, in: «Correio da Semana», Ponte Nova, 24 de dezembro de 1922.

mente «patriarcal». Os muitos aplausos, especialmente no meio das normalistas, evidenciam sensibilidade à causa feminina, por ele defendida.

«A educação é de interesse geral, todos devemos tomal-a a peito». Inspirado nas idéias de seu mestre Dom Bosco, padre Carlos Peretto,⁵⁴ alerta os pais de família e as normalistas sobre esta causa. Em seus discursos⁵⁵ na escola prega.

A prosperidade ou desgraça de um povo depende sobretudo da sua base, isto é, da boa ou má educação de seus súditos, especialmente da mulher;

«Ela [...] é a preparação do cidadão, da família e da sociedade, ella é a precursora dos grandes ensinos do sacerdote [...] Provera a Deus que todas as Normalistas, Professoras, todas as Mães de Família se compenstrassem sempre bem destas verdades, porque estas são os princípios da sublime e divina Missão da mulher na sociedade [...]».⁵⁶

Essa base do edifício social que é a educação da mocidade, para ser boa, deve ser restaurada em Cristo, o Divino Mestre.

Para ser restaurada em Cristo, devem os educadores estar bem compenetrados da excelência dessa missão e possuir os caracteres do Divino Mestre.

Às normalistas orienta conforme o Sistema Preventivo: «conservae sempre os caracteres que formam o bom educador, isto é, auctoridade, sciencia e virtude. [...] Por isso D. Bosco, esse grande educador da mocidade, recommendava a seus filhos que se fizessem amar mais do que temer [...]».

O benfeitor Senador Antonio Martins, representante das oligarquias pontenovense e mineira, acompanha a história educacional da Escola Normal Maria Auxiliadora. Por meio de suas palavras, podemos encontrar brechas para que a mulher perceba o seu significado social nas lutas de direito:

«Em meio a [...] um alarido estridente, a querida Irmã Directora apparecia grave, sentenciosa e ordenava: “Abram alas; está na casa o protector do Collegio”. Tudo mudava rapidamente. Perfiladas como soldados em revista, penetrava no grande salão o venerando ancião [...] era o Senador Antonio Martins. Depois das saudações e referencias elogiosas ao estabelecimento, elle, o bom velho, a cada uma de nós distribuia palavras de animação, uma meiguice respeitosa, e a todas um conselho paternal patriótico: – Estudem, meninas, que o papel da mulher na sociedade moderna tende a igualar-se ao do homem, e a lucta pela conquista da igualdade de direitos exige conhecimentos perfeitos da parte da mulher [...]».⁵⁷

⁵⁴ Padre Peretto, a pedido de dom Silvério, pregou uma Missão na Zona da Mata, em Minas Gerais. Se as normalistas ajudaram ou não nesta tarefa de evangelização, nada ainda encontramos por escrito, exceto, uma fotografia, datada de 1906, no Arquivo Fotográfico da Escola Nossa Senhora Auxiliadora.

⁵⁵ Cf discurso do Revmo. Sr. Padre Peretto, Inspector das Casas Salesianas no sul do Brasil. In: *Anuário da Escola Normal «N. S. Auxiliadora»*. Ponte Nova, 15 de agosto de 1905, pp. 19-31.

⁵⁶ Ad *ibid.*, p. 22.

⁵⁷ «Correio da Semana», abril de 1919.

3. A presença salesiana das FMA em Ponte Nova

Desde seus primeiros passos, sob a direção da Ir. Maria Cousirat (1896-1897), a comunidade das irmãs salesianas consegue marcar presença como um grupo significativo de educadoras da mulher e formadoras de opinião. A implantação do curso normal, em 1897, é passo corajoso para a época e traduz o espírito de ousadia que as anima. Outras expressões significativas na sociedade pontenovense revelam nelas as cidadãs conscientes, pioneiras de uma nova concepção de mulher.

3.1 Confronto e ação social: Oratório Festivo

Na administração da irmã Maria Cleofe Giacoma (1899/1906), fiéis à inspiração de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, as salesianas fundam o Oratório Festivo anexo à Escola. A ex-aluna de 1906, Maria Elisa Lanna, noticia o histórico da fundação do Oratório Festivo:

«[...] Aumentando consideravelmente a população, foram as alunas externas substituídas pelas “verdadeiras oratorianas”, que nos domingos e dias santos, veem pedir às Irmãs, a instrução religiosa, de que tanto a falta sentem no ambiente onde vivem [...] Assim floresceu este Oratório Festivo».⁵⁸

O frutuoso trabalho do Oratório Festivo, iniciado em 1901, tem como fundadoras as irmãs Teodolinda Bissaro e Angelina Aimassi. Posteriormente, as ex-alunas auxiliam nesta obra de apostolado. Percebe-se que é justamente neste trabalho oratoriano que a escola estabelece relações com um meio sócio-cultural diverso do de sua clientela, cria oportunidades para o confronto e para a ação social, não perdendo de vista, o ideal católico.

3.2 Serviço à vida: Hospital N. S. das Dores⁵⁹

Além da tarefa educativa, as Filhas de Maria Auxiliadora, marcam presença desde 1904 na administração e serviços do Hospital Nossa Senhora das Dores, em Ponte Nova. Nos termos de visitas desta instituição, encontramos inúmeros elogios às filhas de Dom Bosco pelos importantes melhoramentos, asseio, boa ordem, administração e reformas radicais no estabelecimento.

⁵⁸ Maria Eliza LANNA, *O histórico do oratório festivo da Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora*. Ponte Nova, 1941. Por ocasião do centenário do Oratório Festivo de Dom Bosco.

⁵⁹ O Hospital Nossa Senhora das Dores foi uma iniciativa do vigário João Paulo Maria de Britto juntamente com figuras influentes da sociedade pontenovense. Sua pedra fundamental foi lançada no dia 24 de maio de 1871. Cf Antônio Brant RIBEIRO FILHO, *Lavoura e riqueza, voto e poder; uma contribuição para o estudo da história política na Zona da Mata Mineira*. Ponte Nova, Sociedade Pró-Memória 1996, p. 39.

3.3 *Projeção Cultural: Biblioteca Senador Antônio Martins*

Na administração da irmã Domingas Odone (1907/1913) a Escola Normal Maria Auxiliadora projeta-se culturalmente na formação da mulher, da profissional educadora e da militante dos valores católicos.

Como centro cultural da região, não pode deixar de ter uma rica biblioteca. Em 1910, é fundada a «Biblioteca Senador Antônio Martins», em homenagem ao grande benemérito da casa. A referida biblioteca acha-se repartida em várias seções e salas do estabelecimento.⁶⁰

3.4 *Patrimônio Moral e Intelectual*

A administração da irmã Helena Ospital (1914/1920) é gloriosa para a Escola Normal Maria Auxiliadora, vista pela sociedade como verdadeiro patrimônio moral e intelectual de Ponte Nova, das Minas Gerais e do Brasil.

A transformação do bairro das Palmeiras

Com a presença ativa da Escola Normal, o perfil do local muda radicalmente: loteamento nos arredores, construções, transportes, povoamento, canalização das águas.⁶¹ Evidentemente, o bairro de Palmeiras, torna-se mais bem visto e freqüentado com um jardim que recebeu o incentivo da Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora:

«[...] perante numerosa assistência, realizou-se em Palmeiras, no edifício da Escola Normal N. S. Auxiliadora, o festival em benefício da construção do jardim. O desempenho das peças representadas causou a melhor impressão, sendo as alumnas da Escola muito aplaudidas».⁶²

A educação popular e inícios do Colégio dos SDB

Diante da urgente necessidade de dar um ensino primário coletivo aos meninos do bairro das Palmeiras, a imprensa através do jornal *A Evolução* em 1913, solicita aos Salesianos:

«No Collegio N. S. Auxiliadora, onde já se acham installadas a Escola Normal equiparada e uma escola publica primaria, cabe maravilhosamente um Grupo Escolar. A

⁶⁰ Biblioteca pedagógica, científica e literária; biblioteca recreativa; biblioteca religiosa ascética; biblioteca catequética e biblioteca infantil. Em todas as referidas seções e salas, os volumes são devidamente elencados por assunto ou autor. Com um acervo de 5 a 6 mil volumes, constando de: cartas geográficas (60); manuscritos (36); jornais (420); obras especiais (7). Funcionando em dias úteis, sendo freqüentada por alunos e professores.

⁶¹ Cf «O Município», Ponte Nova, 30 de julho de 1914 e «O Olho», n.º 9, Ponte Nova (Palmeiras), 29 de novembro de 1914. Trim. 1.

⁶² «Correio da Semana», 1920, Ponte Nova, n.º 335.

... na formação da mulher. Ponte Nova, Minas Gerais - Brasil (1893-1922) 223

corporação Salesiana que superintende esse collegio, não se negará de modo algum prestar tão elevado serviço à causa da educação popular, fim primacial da importante obra de D. Bosco». ⁶³

Estas palavras alcançam repercussão pois é criado um curso elementar ⁶⁴ e uma escola pública anexa à Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora. O ensino é ministrado na escola por professoras legalmente habilitadas, em conformidade com os programas vigentes, e com as alunas-mestras realizando aí sua prática profissional.

Neste mesmo período, a comunidade de Ponte Nova luta por um estabelecimento idêntico para ministrar educação ao sexo masculino. Surge o Instituto Propedêutico que dá origem ao futuro Colégio Salesiano D. Helvécio. Assinala o jornal *O Município*, em 1915:

«Possuindo um bom collegio para a educação das moças, fez-se sentir logo a necessidade correlata da fundação de um estabelecimento para ministrar educação ao sexo masculino. [...] Teve finalmente a sua solução, com a fundação do “Instituto Propedêutico”, [...] um “estabelecimento victorioso”. [...] com os melhores metodos pedagogicos». ⁶⁵

É um fato que muitas professoras, formadas na Escola Normal, não chegam a exercer a profissão. Entretanto são as futuras «boas esposas e mães de família», as primeiras educadoras dos futuros dirigentes da sociedade, imbuídas do ideal católico romanista. Outras servem à classe popular, no Ensino Público Estadual ou Municipal (Anexo), garantindo a formação do «bom cristão e honesto cidadão», impedindo, com certeza, o avanço do agnosticismo, do comunismo e do protestantismo no meio do povo.

3.5 *Dizer é crer: educação que engrandece a igreja e a pátria*

As mais diversas personalidades, públicas e religiosas passam pela Escola Normal Maria Auxiliadora. Pelo êxito e repercussão na sociedade mineira, autoridades de renome acreditam nesta instituição católica para a educação da mulher.

«Honrosa Visita: O Nuncio Apostolico em Ponte Nova» – Este é o título de um artigo publicado no jornal *Correio da Semana*, de 01.06.1919, que mostra a repercussão da Escola Normal Maria Auxiliadora.

Autoridades civis e eclesiásticas, o povo, representado em todas as suas classes sociais, se entusiasma com a visita do ilustre representante da Santa Sé, Mons. Angelo Scapardini. Não faltam telegramas de congratulações dos mais di-

⁶³ «A Evolução», Ponte Nova (Minas Geraes), 13 de abril de 1913.

⁶⁴ Neste curso elementar, a matrícula constava de 59 alunas (1915). Cf P. PALERMO, *Monographia...*, p. 22.

⁶⁵ *Pelo ensino* in «*O Município*», Ponte Nova (Estado de Minas), 25 de março de 1915.

versos segmentos ao senhor núncio e à diretora irmã Helena Ospital.⁶⁶ Não há dúvida de que a visita do representante da Santa Sé acentua ainda mais a notoriedade da Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora. O mesmo Correio da Semana, acrescenta:

«[...]Ao “dessert” visivelmente commovido, o Sr. Nuncio levantou a sua taça em signal de admiração pelo progresso e adeantamento de Ponte Nova, que se devia ufanar por ter estabelecimentos de ensino como a Escola Normal e o Instituto e bem assim uma casa de caridade como o Hospital N. S. das Dores. Depois de referir-se, em palavras repassadas de patriotismo e entusiasmo, à collaboração efficaz que nos presta o colono italiano, ajudando-nos a arrancar da terra a riqueza que ahí se encontra, o Sr. Nuncio brindou os Exmos. srs. Presidentes da Republica e do Estado».⁶⁷

Em suas visitas pastorais a Ponte Nova, Dom Silvério Gomes Pimenta, Arcebispo de Mariana, faz-se sempre presente no colégio. Conta com o apoio dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora na implantação do modelo da igreja tridentina (AZZI, 1982:174). O trabalho de catequese e apostolado realizado na Escola Normal leva-o a declará-la como «Porção mimosa do Arcebispado de Mariana».⁶⁸ Um colégio católico, com certeza, irá frear os avanços do protestantismo e atrair a militância católica feminina através das associações como a das Filhas de Maria, a das Ex-Alunas, a das Mães de Família.

O político Arthur Bernardes⁶⁹ em campanha pelo Palácio da Liberdade, chega a Ponte Nova no dia 17 de fevereiro de 1918, almoça na Usina Anna Florência e visita a Escola Normal onde, para saudá-lo, discursa o Deputado Federal Landulfo Machado de Magalhães.⁷⁰ Acompanhado do inspetor de ensino regional, João Alves e comitiva, Arthur Bernardes registra no livro de visitas da Escola:

«Tenho grande satisfação em consignar aqui a magnífica impressão recebida de minha visita, hoje, a este acreditado estabelecimento de educação e ensino, credor já de muitos serviços às jovens patricias mineiras. Aqui se lançam as bases moraes de muitos lares futuros, que hão de fazer a felicidade da familia e o engrandecimento

⁶⁶ Como Peretto – Hargreaves das Escolas Dom Bosco, Inspetoria de Cuiabá, Senador Francisco Salles de Belo Horizonte, Padre Pedro Massa, Cuiabá, Campos Amaral, Diretor da União Popular, Monsenhor José Silvério Horta, Oficial do Arcebispado de Mariana, Sr. Maggi Salomão, Secretario da Presidência da República, Sr. J. Castro, Presidente da União dos Moços, de Belo Horizonte. Os políticos Arthur Bernardes, Delphim Moreira, o Dr. Antonio Carlos, Dr. Levindo Coelho.

⁶⁷ «Correio da Semana», Ponte Nova (Estado de Minas), 01 de junho de 1919, num. 284.

⁶⁸ LIVRO DE VISITAS da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, p. 11.

⁶⁹ Mineiro de Viçosa, Artur Bernardes governou Minas (1918/1922) e o país (1922-1926), em «crônico estado de sítio», devido à permanente ameaça de revolução, fez a primeira visita oficial de um chefe de Estado a um chefe da Igreja. Na sua visita, o Presidente sublinhou: «[...] a importância de uma colaboração constante das nossas autoridades eclesiásticas com o governo do país, auxiliando a manutenção da Ordem e promovendo o progresso nacional». Cf. Thomás C. BRUNEAU, *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo, Loyola 1974, p. 78.

⁷⁰ A. B. RIBEIRO FILHO, *Lavoura e riqueza...*, p. 89.

... na formação da mulher. Ponte Nova, Minas Gerais - Brasil (1893-1922) 225

da patria com as sabias virtudes que nobilitam os homens e os fortalecem para as luctas da vida. Oxalá continue a perdurar na consciencia das Revdmas Irmãs o sentimento de um grande dever para com o Estado, que conferiu a esta Escola a regalia da equiparação: o de bem preparar suas alumnas, muitas das quaes irão futuramente exercer o magisterio e fazer felizes ou infelizes tantas creanças, conforme o grau de habilitação que levarem desta casa! Tenho fé que este sentimento de dever não será esquecido em bem dos creditos do proprio estabelecimento, que será sempre julgado através do preparo de suas ex-alumnas. Felicito a Revma. Directora e as suas dignas auxiliares pela boa ordem, pela hygiene e por tudo mais quanto observei nesta rapida visita.

Ponte Nova, 17 de Fevereiro de 1918. Arthur Bernardes». ⁷¹

A comitiva que acompanha o político, juntamente com o Inspetor Regional de Ensino, manifestam apoio ao Exmo. Senhor Arthur Bernardes, levando a melhor impressão deste «importante estabelecimento de educação e ensino». Nota-se como os homens públicos não deixam de valorizar as bases morais que a escola católica oferece para a construção da identidade cívica.

3.6 Emancipação feminina: salesianas e pioneiras

Se a implantação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil, é caracterizada pela dependência aos padres salesianos,⁷² desde 1906 por determinação da Cúria Romana acontece a separação dos dois institutos. As irmãs começam a rever as próprias constituições, adquirindo autonomia.

Entretanto, já em 1893, o projeto salesiano no Brasil, tem uma orientação inovadora por parte de Dom Lasagna, para as casas de Minas Gerais. É sua intenção conceder às irmãs um espaço de maior autonomia em relação aos salesianos. Elas deverão ser as pioneiras preparando a futura chegada dos salesianos.⁷³ E, em Ponte Nova, as irmãs salesianas sabem aproveitar o espaço que lhes é concedido, implementando uma educação claramente voltada para a emancipação feminina na região.

A mulher na sociedade moderna

Educadas dentro dos valores morais e cristãos, as alunas da Escola Normal Maria Auxiliadora acabam introjetando e reproduzindo o projeto pedagógico das filhas de Dom Bosco: «Formar o bom cristão e o honesto cidadão». De que modo as alunas exercem esta cidadania? Como não reproduzir o que se encontra arraigado e difundido em todo o «tecido social» de que à mulher cabem as tarefas mais elementares: cozinhar, bordar, ser uma boa esposa e mãe?

⁷¹ LIVRO DE VISITAS da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, pp. 11-12.

⁷² Cf Riolando AZZI, *As filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: cem anos de história*. 1º vol. – *implantação do instituto: 1892-1917*. São Paulo 1999, pp. 324-330.

⁷³ Ad *ibid.* pp. 180-181.

O «cada ponto seja um ato de amor de Deus», tão difundido pela co-fundadora das Filhas de Maria Auxiliadora, Maria Domingas Mazzarello, assume, para as suas discípulas, um significado também social, haja vista que as diplomadas da Escola Normal Maria Auxiliadora, ocupam páginas na imprensa pela inteligência e presença marcante na sociedade.

Ao lado do farmacêutico senhor Aprígio Vieira de Souza, em 27 de julho de 1913, a diplomada na Escola Nossa Senhora Auxiliadora, Ephigenia Lopes Vieira, discursa com sutileza, citando a feminista escritora baiana Amélia Rodrigues, por ocasião da instalação da Estação de Leopoldina Railway!⁷⁴ Acentuando o novo papel da mulher na sociedade, as novas discípulas vão exercendo sua cidadania.

O jornal *Correio da Semana*, de 24 de agosto de 1919, por ocasião do aniversário natalício da diretora irmã Helena Ospital, evidencia o pensamento reinante na escola: «Comemorando tão auspiciosa data, as alumnas [...] preparam-lhe um festival, [...] tendo a Senhorita Guiomar Couto realizado uma conferencia sobre o papel da mulher na sociedade moderna».⁷⁵

Exercício da cidadania: a associação das Ex-Alunas

Formadas, as ex-alunas da Escola Normal Maria Auxiliadora continuam organizadas e integradas dentro do sistema salesiano. Em 15 de julho de 1919 é fundada a Associação das ex-alunas, com a aprovação de Mons. Scapardini, do arcebispo de Mariana, dom Silvério Gomes Pimenta, do inspetor salesiano, padre Pedro Rota e da inspetora madre Teresa Giussani. Neste mesmo ano, em 18 de agosto, é organizado o primeiro conselho diretivo da Associação das Ex-Alunas.

Através desta associação,⁷⁶ as Ex-alunas mantêm seus endereços atualizados. Comunicam-se para encontros, confraternizações e mesmo para atuarem na sociedade através de obras sociais, centros de cultura e formação religiosa. Elas assumem o caráter combativo da militância católica da época, aderindo à «cruzada contra a moda indecente», fundando, para isto, uma Liga,⁷⁷ em 18 de setembro de 1920.

Conscientes de sua tarefa educativa, no estilo salesiano de educar, alegre e familiar, as ex-alunas da Escola Normal, vão construindo e cimentando a cidadania, auxiliando a administração mineira no desenvolvimento da instrução primária e através de várias associações femininas.⁷⁸

⁷⁴ Cf «A Evolução», Ponte Nova (Estado de Minas), 17 de agosto de 1913.

⁷⁵ «Correio da Semana», Ponte Nova (Estado de Minas), 24 de agosto de 1919. Num. 296.

⁷⁶ No Brasil essas associações de ex-alunos foram fundadas pelo Inspetor P. Pedro Rota. R. AZZI, *Os salesianos no Brasil...*, pp. 138-139.

⁷⁷ Cf Relatório delle Ex-allieve del Collegio Scuola Normale «Maria Auxiliatrice (sic)» – Ponte Nova – Minas – 1919, p. 1.

⁷⁸ «Desde cedo, 4 horas da tarde, os referidos salões regorgitavam de senhoras, senhoritas e rapazes da nossa melhor sociedade, que ali estiveram em encantadora reunião até a meia

4. Conclusão

O estudo do período histórico aqui considerado (1893-1922) evidencia o significado da presença das Filhas de Maria Auxiliadora em Ponte Nova e Minas Gerais.

É uma resposta consciente à convocação para responder à urgência de conter os avanços do laicismo consolidado através da Constituição Republicana de 1891 que separa a Igreja do Estado. Aliás, segundo divulgação dos próprios salesianos da época, um dos ideais da educação nas escolas, nas paróquias, nos oratórios, é o da liberdade religiosa, sob a proteção de Nossa Senhora Auxiliadora.

A atuação das Filhas de Maria Auxiliadora em Ponte Nova, cria um reconhecimento popular da Escola Normal Maria Auxiliadora que é vista, por pessoas significativas da época, como «progresso do município, verdadeiro e legítimo orgulho da cidade de Ponte Nova» e como «patrimônio moral e intelectual» da região.

«Estrela de primeira grandeza que brilha no firmamento intelectual de Minas», ela é a escola da ordem, da disciplina e da higiene, da mudança de mentalidade, que provoca em autoridades adversas às escolas confessionais, verdadeiras «conversões» à causa do ensino dirigido por religiosos.

Distinguindo-se pela aplicação do sistema preventivo de Dom Bosco e por seu trabalho de catequese e apostolado, é caracterizada pelo bispo Dom Silvério Gomes Pimenta como «porção mimosa do Arcebispado de Mariana».

Repercutindo social e politicamente no estado de Minas, leva o futuro presidente da República, Arthur Bernardes a declarar, em 1918, considerá-la capaz de construir as «bases morais [...] e o engrandecimento da pátria».

Às irmãs, não faltavam elogios freqüentes na imprensa, tanto «pela administração do Hospital Nossa Senhora das Dores quanto pela ordem moral e o carinho dedicado às alunas e ao povo de Ponte Nova».

É inegável a constatação de quanto o discurso da elite esteve presente na história desta casa, contribuindo para reproduzir o sistema moralizador da burguesia nascente em vista de formar uma «Sociedade Perfeita». A formação cristã das elites, através de colégios, pretende a cristianização do povo, do Estado e da Legislação.

Dentro desta perspectiva, a Escola Normal Maria Auxiliadora faz-se ponto de referência educacional e social da Zona da Mata Mineira e um dos bastiões do projeto de neo-cristandade da igreja em Minas Gerais.

Administrada por irmãs, com certeza foi criando espaços para que a mulher se projetasse e percebesse o seu lugar na História! Eis aí o grande avanço!

noite. Tratava-se de um chá dansante, que correu sempre bastante animado, do princípio ao fim, por entre flores, musica e justificadas expansões de jubilo. O edificio escolar, ornamentado de rosas artificiaes, serpentinas e bandeirinhas brasileiras, apresentava boa iluminação. [...] A Associação das Mães de Família pretende realizar outras festas para que, com uma importancia maior, possa uniformizar todas as creanças pobres que frequentam o grupo escolar». Gazeta de Ponte Nova, Minas Geraes, 7 de fevereiro de 1926.

Fontes

Arquivo da Cúria Metropolitana, Mariana

Arquivo do Hospital Nossa Senhora das Dores, Ponte Nova

Arquivo da Inspetoria Madre Mazzarello, Belo Horizonte – FMA/BBH

Arquivo da Inspetoria São João Bosco, Belo Horizonte – SDB/BBH

Arquivo da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, Ponte Nova

Anuário da Escola Normal «N. S. Auxiliadora». Ponte Nova, 15 de agosto de 1905.

Crônicas da Escola Maria Auxiliadora – Ponte Nova

Registros da Secretaria (matrícula, resultado anual)

Arquivo do Museu 100 Anos Auxiliadora, Ponte Nova

Discurso do Revmo. Sr. Padre Peretto, Inspector das Casas Salesianas no sul do Brasil.

Fotografias de 1896-1922.

Maria Eliza Lanna. O histórico do oratório festivo da Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora. Ponte Nova, 1941. Por ocasião do centenário do Oratório Festivo de Dom Bosco.

Irmãs Salesianas/IMM, 100 anos de presença em Ponte Nova, Minas Gerais. Belo Horizonte, O Lutador, (1996).

Terezinha Moreira Gomes. Fragmentos de vida – crônicas. Ponte Nova, 1989. Impresso por Graphlivros editores Ltda. Belo Horizonte, Minas Gerais.

Termos de visitas dos Inspectores Regionais da Escola Normal Maria Auxiliadora, 1906-1922. Ponte Nova.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Ponte Nova

Ata Extraordinária de doação da Fazenda das Palmeiras - 5 de abril de 1895.

Câmara Municipal de Ponte Nova. Sumário, catálogo. Período de 1863 a 1930, coleção I a LVVIII, documento N. 1 a 2687. Est. Graph «Gutemberg». Irmãos Penna & Cia. Ponte Nova, Minas.

Jornais consultados da cidade de Ponte Nova

«A Evolução» (1913-1914)

«Correio da Semana» (1919-1925)

«Excelsior» (1922-1924)

«Gazeta de Ponte Nova» (1919-1941)

«O Município» (1914-1915)

«O Olho» (1914)

«O Piranga» (1913-1915)

Jornais consultados de outras localidades

«Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana» – 1927

Sino de S. José, «boletim paroquial da Igreja de S. José», em Belo Horizonte (1919-1922)

«Horizonte», jornal católico de Belo Horizonte: (n.º 6, 10, 302, 619, 401, 561, 505)

«O Diário», jornal católico de Belo Horizonte (n.º 413, 324, 167).



... na formação da mulher. Ponte Nova, Minas Gerais - Brasil (1893-1922) 229

Bibliografia

- ALVES Rubem, *O que é religião*. 14ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- ANASTASIA Carla Maria Junho, *A idéia da república na Inconfidência Mineira*, in *IX Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto, IBPC, 1993.
- AZZI Riolando, *As filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: cem anos de história. 1º vol. – implantação do instituto: 1892-1917*. São Paulo, 1999.
- *O catolicismo popular no Brasil. Aspectos históricos*. Petrópolis, Vozes, 1978.
 - *Os salesianos no Brasil: à luz da história*. São Paulo, Salesiana, 1982.
 - *Os salesianos no Rio de Janeiro*. São Paulo, Salesiana, 1982.
 - *Os salesianos em Minas Gerais*. São Paulo, Salesiana, 1986.
 - *O início da restauração católica em Minas Gerais: 1920-1930*, in «Síntese» 10 (1977), 61-89.
 - *Famílias e valores no pensamento brasileiro (1870-1950). Um enfoque histórico*, in AA.VV., *Sociedade Brasileira Contemporânea*. São Paulo, Loyola, (1987), pp. 85-120.
- BARBOSA Manuel, *A igreja no Brasil. Notas para sua história*. Rio de Janeiro, Obras gráficas «A Noite», 1945.
- BELLO José M., *História da república: 1889-1954*. 6ª ed. São Paulo, Cia editora nacional, 1972.
- BOSCO Terésio, *Dom Bosco: uma biografia nova*. 2ª ed. São Paulo, Salesiana, 1993.
- BRAIDO Pietro, *Il Sistema Educativo di don Bosco*. 2ª ed. Zürich – Schweiz, PAS-VERLAG, 1964.
- BRUNEAU Thomas C., *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo, Loyola, 1974.
- CARONE Edgar, *A república velha: evolução política*. 4ª ed. São Paulo, Difel, 1983, 2º vol.
- CARTAS PASTORAIS de Dom Silvério Gomes Pimenta, *Arcebispo de Mariana e Dom Joaquim Silvério de Souza, Arcebispo de Diamantina*. Petrópolis, Centro da Boa Imprensa, 1922.
- CARVALHO José Murilo de., *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- CNBB/GREE, *O ensino religioso nas Constituições do Brasil; nas legislações do ensino; nas orientações da Igreja*. São Paulo, Paulinas, nº 49 - «Estudos da CNBB», 1987.
- CRUZ COSTA, *Pequena história da república*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- FAORO Raimundo, *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre, Globo, 1984.
- FRANCO Afonso Arinos de Mello Rodrigues Alves, *Apogeu e declínio do presidencialismo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, 1º e 2º vol.
- GUIA DAS FAMILIAS, *Teófilo Otoni*. Tipografia de S. Francisco, 1929.
- LIMA Alceu Amoroso, *A igreja e o novo mundo*. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1943.
- LIMA JÚNIOR Augusto de, *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Imprensa Nacional, 1956.
- LIMA Luis Gonzaga Souza, *Evolução política dos católicos e da igreja no Brasil. Hipóteses para uma interpretação*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- LIMA Mário de, *O bom combate. Subsídios para a história de 20 anos de ação social católica em Minas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1929.
- LUSTOSA Oscar de Figueiredo, *A presença da igreja no Brasil*. São Paulo, Giro, 1977.
- *Política e igreja. O partido católico no Brasil: mito ou realidade?* São Paulo, Paulinas, 1982.



230 ANA LUIZA FERNANDES DE OLIVEIRA DIAS - IVANETTE DUNCAN DE MIRANDA

- MAGALHÃES Manoel Ignácio Machado de, *Resumo histórico de Ponte Nova*. Ponte Nova, Typ. Ideal, 1922.
- MARTINS FILHO A., *A white collar Republic: Patronage and Interest Representation in Minas Gerais, 1889-1930*. Tese de Doutorado, Illinois, 1987.
- MATOS Henrique Cristiano José, frater., *Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas, entre 1922 e 1936*. Belo Horizonte, O Lutador, 1990.
- NEGRÃO Ana Maria Melo, *O liceu tece 100 anos de história*. São Paulo, DBA, 1997.
- PALERMO Pedro, *Monographia do Município de Ponte Nova*. Ponte Nova, Estado de Minas Gerais, Roberto Capri – Editor. Ano MCMXVI.
- PILETTI Claudino - PILETTI Nelson, *Filosofia e história da educação*. São Paulo, Ática, 2ª ed. 1985.
- PIMENTA Dom Silvério Gomes, *Cartas Pastorais*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro e Murilo, 1921.
- PIO XI, *Encíclica «Quas Primas» de 1925 (sobre Cristo-Rei)*. Petrópolis, Vozes, 1947 (Doc. Pontif. n.º 20).
- RICHARD Pablo, *Morte das cristandades e o nascimento da igreja. Análise histórica e interpretação teológica da igreja na América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1982.
- RIBEIRO FILHO Antonio Brant, *Ponte Nova: 1770-1920, 150 anos de história*. Viçosa, MG: Academia de Letras de Viçosa, 1993.
– *Lavoura e riqueza, voto e poder; uma contribuição para o estudo da história política na Zona da Mata Mineira*. Ponte Nova, Sociedade Pró-Memória, 1996.
- ROMANELLI Otaíza de Oliveira, *História da educação no Brasil*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1982.
- SCHWARTZMAN Simon, «*Representação e cooptação política no Brasil*». Revista Dados. Rio de Janeiro, 1970.
- SECCO Michelina, *Facciamo memoria. Cenni biografici delle FMA, defunte nel 1949*. Roma, Instituto FMA, 1997.
- SILVEIRA Victor, *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1926.
- TÔRRES João Camilo de Oliveira, *História de Minas Gerais*. 3ª ed. Belo Horizonte: Lemi; Brasília: INL, 1980.
- TRINDADE Cônego Raimundo, *Biografia de Dom Silvério Gomes Pimenta*. Ponte Nova, 1940.
- VISCARDI Cláudia Maria Ribeiro, *Elites políticas mineiras na primeira república brasileira*, in ANPUH - MG., *Anais do X Encontro Regional de História*, n.º 6. Dep. História/UFOP, Mariana, 1996.
- WIRTH John Dom, *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.